



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: **Marxismo, teoria social e crítica da economia política.**

A Teoria da Reprodução Social e a masculinidade no processo de reprodução do capital

Pedro Alves Gomes¹

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo central estabelecer uma breve discussão acerca da Teoria da Reprodução Social e suas ferramentas que permitem pensar a masculinidade num processo de reprodução do capital. Para tanto pretende-se analisar tendo como base teórica a Teoria da Reprodução Social a relação da masculinidade e a manutenção do processo de reprodução do capital enquanto forma de sociabilidade. As referências aqui utilizadas foram marxistas, o feminismo marxista, a Teoria da Reprodução Social, assim como autoras feministas de outras vertentes teóricas.

Palavras-chave: Teoria da Reprodução Social. Masculinidade. Reprodução do capital. Feminismo.

The Theory of Social Reproduction and masculinity in the capital reproduction process

Abstract: The main objective of this work is to establish a brief discussion about the Theory of Social Reproduction and its tools that allow thinking about masculinity in a process of reproduction of capital. Therefore, it is intended to analyze, having as a theoretical basis the Theory of Social Reproduction, the relationship between masculinity and the maintenance of the process of reproduction of capital as a form of sociability. The references used here were Marxists, Marxist feminism, Social Reproduction Theory, as well as feminist authors from other theoretical perspectives.

Keywords: Social Reproduction Theory. Masculinity. Capital reproduction. Feminism.

1. INTRODUÇÃO

O capital está em constante transformação, se adaptando aos tempos e as circunstâncias para garantir o processo de acumulação, lucro, exploração, dominação e opressão sobre a classe trabalhadora. Essas transformações e a manutenção do capital enquanto sistema dominante está relacionada a diversos aspectos da vida social como um todo. Vale destacar que a Teoria da Reprodução Social tem muito a nos dizer a respeito do processo de reprodução do capital de maneira geral.

O objetivo aqui é tendo como base a Teoria da Reprodução Social analisar a masculinidade e sua relação na manutenção do processo de reprodução do capital. Ou seja, para o capital se reproduzir, para o sistema funcionar, são essenciais os trabalhos tanto de produção quanto de reprodução social. Aqui a masculinidade pretende ser

¹ Doutorando em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (PGPS/ Ufes). E-mail: pedroag96@hotmail.com.

discutida a partir do trabalho de reprodução social essencial à manutenção do sistema de maneira geral.

A relação entre produção e reprodução e suas funções ao funcionamento do sistema já foram tratadas por Marx desde O Capital - Volume 1. Nessa obra Marx já chamou a atenção para o fato de que uma sociedade não pode existir sem que haja produção, assim como sem que haja o consumo. Nesse sentido, Marx diz que no curso contínuo de renovação da sociedade, todo processo social de produção é necessariamente também um processo de reprodução (MARX, 2017).

Ou seja, nesse processo de reprodução o trabalhador necessita de meios de subsistência para ser capaz de manter sua força de trabalho em funcionamento, ser capaz de manter o processo de produção social. Nesse ponto, Marx diz que o trabalhador precisa se abastecer, “[...] do mesmo modo como se abastece de carvão e água a máquina a vapor e de óleo a roda” (MARX, 2017, p. 646). Se destaca, assim, a importância da reprodução social para a manutenção e a reprodução do sistema capitalista em sua totalidade.

É importante destacar também que quando estamos falando do processo de reprodução social, ou do trabalho de reprodução social², diz respeito a produção e reprodução do meio de produção mais fundamental ao capital que é o próprio trabalhador (MARX, 2017). E é justamente a partir do trabalho de reprodução social, necessário a manutenção do próprio trabalhador e de sua força de trabalho, que a Teoria da Reprodução Social vai estabelecer suas bases de análise da totalidade de manutenção e funcionamento da sociedade capitalista.

Portanto, um ponto essencial a ser aqui compreendido é o de que esse processo de reprodução social, ou seja, a manutenção e reprodução contínua da classe trabalhadora como um todo são uma condição vital para a reprodução do capital de maneira geral (MARX, 2017). Ou seja, é preciso dizer a manutenção da sociedade dentro de uma sociabilidade capitalista não é possível sem o trabalho de reprodução social em sua totalidade, desenvolvido em sua maior parte por mulheres, como será melhor detalhado no decorrer deste trabalho.

Há de se destacar, ainda, que o modo de produção capitalista em seu pleno funcionamento, nos processos de produção e reprodução, “[...] produz não apenas mercadorias, não apenas mais valor, mas produz e reproduz a própria relação capitalista: de um lado o capitalista, do outro, o trabalhador assalariado” (MARX, 2017, p. 653). Ou

² O trabalho de reprodução social será discutido com mais profundidade no decorrer deste trabalho.

seja, há de se compreender o sistema enquanto uma totalidade histórica em constante transformação, onde diversos processos atuam conjuntamente para a manutenção base da sociedade capitalista, o capitalista de um lado e o trabalhador do outro.

2. A Teoria da Reprodução Social

Dentro das metas aqui estabelecidas, não será possível uma discussão mais profunda e detalhada acerca da esfera da produção em suas particularidades, e também diversos aspectos no âmbito da reprodução. Vale destacar que a centralidade do debate aqui proposto gira em torno da análise do trabalho de reprodução social e como a partir daí é erigida uma determinada característica da masculinidade da sociedade capitalista.

Em diversas áreas, muitos estudos teóricos vêm nos últimos anos buscando estudar e compreender melhor o capitalismo e suas dinâmicas atuais. Tarefa essa que não é fácil devido a grande complexidade do sistema e a rapidez com que o mesmo se transforma, se modifica, se adapta a novas circunstâncias e novas necessidades. Nesse sentido, a Teoria da Reprodução Social se apresenta enquanto uma ferramenta metodológica-teórica superimportante, na medida em que visa apreender a totalidade do capitalismo, na contradição entre a unidade de produção e reprodução social tendo como base as opressões de gênero, raça, sexualidade, nacionalidade, classe, entre outras (SARAIVA, 2021).

A Teoria da Reprodução Social tem como sustento a perspectiva feminista marxista que compreende a “[...] produção e a reprodução social como parte de uma estrutura unitária, superando compreensões dualistas” (SARAIVA, 2021, p. 20). Ou seja, compreende as opressões de gênero, raça e classe, por exemplo, como oriundas dessa mesma estrutura unitária, não havendo assim origem e lógicas de funcionamento distintas para cada opressão, e o fim das opressões significa necessariamente a alteração dessa estrutura, a superação a sociedade capitalista e sua lógica de funcionamento.

Um ponto essencial a ser compreendido diz respeito, mais especificamente a quais são as bases que sustentam a chamada Teoria da Reprodução Social e quais são suas principais influentes nos tempos atuais. A construção de uma teoria unitária foi inicialmente formulada por Iris Marion Young e tem em Lise Vogel um importante papel de consolidação enquanto teoria de produção científica. A partir disso tem-se a origem da Teoria da Reprodução Social (ESQUENAZI; MORAES, 2020).

Observa-se que a Teoria da Reprodução Social, uma construção de teoria unitária, não é recente, entretanto, vem sendo retomada por autoras contemporâneas como, por exemplo, Thithi Bhattacharya, Cinzia Arruza e Susan Ferguson (ESQUENAZI; MORAES, 2020). É preciso compreender em que consiste tal formulação teórica para, posteriormente, conseguir relacioná-la com a noção de masculinidade, nova masculinidade, ou um novo homem e uma nova mulher.

A Teoria da Reprodução social parte da ideia da força de trabalho, ou seja, o desenvolvimento de atividades essenciais que fazem parte da base do sistema capitalista, já que são responsáveis pela reprodução do trabalhador e manutenção desse sistema. Tais atividades são feitas majoritariamente por mulheres, e sem que haja nenhuma ou baixíssimas remunerações ou valorização, tanto num âmbito particular de “dentro de casa”, quanto num âmbito da comunidade (BHATTACHARYA, 2019).

Essas tarefas – que antes de tudo são trabalho – que constituem o processo de reprodução social do trabalhador e trabalhadora são atividades tais como: cuidar de filhos e crianças, cozinhar, fazer compras, manutenção da casa de forma geral, pequenos serviços e outros trabalhos domésticos. Essas atividades geralmente são realizadas somente por mulheres e sem que haja remuneração. Dessa maneira, uma formulação principal da Teoria da Reprodução Social gira em torno da concepção de que o capitalismo é um sistema unitário que une a produção com a reprodução social, sendo que um afeta o outro diretamente (BHATTACHARYA, 2019).

A produção se refere a venda da força de trabalho por parte do trabalhador (a) no mercado de força de trabalho para sua própria sobrevivência, produção que gera o processo posterior de acumulação e exploração dessa força de trabalho. O objetivo aqui, entretanto, não é apresentar a fundo ou discorrer sobre o processo de produção, apenas ressaltar que as mulheres precisam vender suas forças de trabalho durante o processo de produção e ainda desenvolvem as atividades de trabalho de reprodução social, tudo isso ocorre num mesmo dia. A jornada de trabalho produtiva se soma assim à reprodutiva (BHATTACHARYA, 2019).

Essa força de trabalho possui uma característica especial pois, na medida em que não é possível que máquinas ou a tecnologia de maneira geral, “produzam” novos trabalhadores e trabalhadoras, há uma necessidade do capital para com a reprodução biológica da espécie humana. Assim, o “produzir” novos seres humanos se soma aos diversos outros processos que garantem a reprodução no dia a dia, garantem a reposição de desgaste cotidiano da venda da força de trabalho na esfera da produção. Dessa maneira

o capital só é capaz de efetivar sua característica essencial – a de produzir mais-valor – na medida em que seja garantida a reprodução social da força de trabalho (SARAIVA, 2021).

De maneira resumida, é possível dizer que em sua totalidade o trabalho de reprodução social pode se dar em três esferas distintas: em primeiro lugar, e com mais frequência, no ambiente doméstico, realizado em sua grande maioria por mulheres sem nenhum tipo de remuneração ou reconhecimento; em segundo lugar por meio do Estado nas instituições públicas como, por exemplo, hospitais, escolas, transporte, entre outros; e em terceiro lugar através de serviços terceirizados que geram grandes lucros ao capital (SARAIVA, 2021).

Além das três esferas acima mencionadas, a reprodução social ainda pode ser melhor compreendida a partir de três pilares fundamentais: o primeiro pilar é a manutenção diária dos trabalhadores; o segundo a manutenção daqueles que não estão trabalhando, incluindo desempregados, idosos, crianças, etc.; e o último pilar diz respeito a renovação e substituição geracional (SARAIVA, 2021). Três pilares que fundamentam tanto a compreensão quanto a análise teórica da reprodução social e sua importância para a manutenção e funcionamento da sociedade capitalista.

Vale destacar que o trabalho de reprodução social só pode ser apreendido teórica e materialmente a partir do desenvolvimento da retroalimentação entre a divisão sexual e a divisão racial do trabalho (SARAIVA, 2021). E é a partir, principalmente da divisão sexual do trabalho que o presente trabalho se propõe a analisar a masculinidade, a partir da divisão que ocorre dentro das esferas da produção e reprodução social.

É importante dizer que na medida em que reconhecemos a existência de uma divisão racial e sexual do trabalho é imprescindível dizer que a mulher negra sofre um processo de tríplice discriminação – enquanto raça, classe e gênero – e o lugar que essa mulher ocupa na força de trabalho (GONZALEZ, 2020).

Ou seja, em certa medida é preciso compreender que esse trabalho de reprodução social ocorre em grande parte dentro do ambiente familiar, sendo assim, é essencial ressaltar que esse não é um espaço autônomo, e sim construído histórico e estruturalmente a partir dos interesses do capital. Isso quer dizer que o espaço familiar faz parte da já mencionada aqui unidade entre a produção e a reprodução social (SARAIVA, 2021).

Para uma compreensão mais lúcida e completa dessa formulação teórica é preciso compreender o fato de que de acordo com tal formulação o capitalismo é um sistema complexo e articulado que produz uma ordem social, possuindo um núcleo pautado sobre

relações de exploração, dominação e alienação. O desafio desse ponto vista é entender que esse sistema precisa dessas relações hierárquicas e opressivas para o seu funcionamento (ARRUZZA, 2015). Daqui já é possível extrair um ponto de análise para a masculinidade, na medida em que essa é erigida no sistema capitalista a partir dessas relações hierárquicas e opressivas, onde os homens dominam e as mulheres são dominadas. Ou seja, essas relações de dominação e hierarquia são baseadas em gênero (assim como em raça, etnia, entre outros elementos, entretanto o foco aqui é no gênero), onde os homens possuem privilégios sobre as mulheres (ARRUZZA, 2015).

O termo da reprodução social foi elaborado por Marx a fim de compreender o processo pelo qual uma sociedade de maneira mais ampla se reproduz. É preciso dizer, nesse sentido, que as feministas marxistas buscam dar um sentido mais específico a ideia da reprodução social (ARRUZZA, 2015). Dessa maneira, a reprodução social precisa ser entendida enquanto

[...] a manutenção e reprodução da vida, em nível diário e geracional. Neste contexto, reprodução social designa a forma na qual o trabalho físico, emocional e mental necessário para a produção da população é socialmente organizado: por exemplo, preparo da comida, educação dos jovens, cuidado dos idosos e doentes, assim como questões domésticas e todo caminho até as questões de sexualidade [...] O conceito de reprodução social tem a vantagem de expandir nossa visão do que foi previamente chamado de trabalho doméstico (ARRUZZA, 2015, p. 55).

Ou seja, de maneira resumida a Teoria da Reprodução Social tem por base uma análise a partir do trabalho de reprodução social necessário para a manutenção dessa sociedade capitalista. Trabalho esse submetido às relações hierárquicas e de dominação, trabalho pouco valorizado tanto em termos de importância (mesmo sendo vital para a sociedade), quanto em termos de remuneração.

O conceito de reprodução social permite compreendermos quem são essas trabalhadoras (es) e como esse trabalho é socialmente organizado e dividido (ARRUZZA, 2015). A proposta de masculinidade aqui a ser analisada e, principalmente, a necessidade de uma nova masculinidade, se refere, entre outros aspectos, à organização e divisão social do trabalho, ou melhor, uma divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2009).

Essa teoria se caracteriza como uma teoria unitária, justamente pois propõe, ou tenta alcançar, uma interpretação das relações da sociedade que são baseadas no gênero ou orientação sexual que compõe um todo, uma totalidade articulada, complexa e contraditória que é o sistema capitalista (ARRUZZA, 2015). Uma teoria que concebe o

social enquanto uma totalidade historicamente mutável e aberta, uma teoria na qual a lógica reprodutiva do social reside em todas as partes (FERGUSON, 2017).

É preciso chamar atenção, entretanto, para o fato de que dizer que é uma teoria unitária, que analisa uma totalidade, não significa dizer que ela não é capaz de reconhecer, entender e explicar as diferentes partes e como elas se relacionam e se conectam dentro de um processo total. Uma proposição feminista da reprodução social pretende revelar uma possibilidade de teorizar as relações sociais por meio de uma unidade integral. Ou seja, é possível dizer que a Teoria da Reprodução Social, ou essa formulação feminista da reprodução social, se mostra como um quadro analítico promissor que busca evitar meros estudos descritivos de uma realidade social, pretende uma apreensão da totalidade capitalista, o todo da sociedade capitalista, compreendendo as formas pelas quais afeta as interações, relações e instituições sociais (FERGUSON, 2017).

Enquanto formulação teórica e potente ferramenta analítica de análise e transformação da sociedade, a Teoria da Reprodução Social sofreu e sofre algumas críticas, uma delas é de que sua análise é reducionista. Nesse sentido, é necessário afirmar que todo o debate da reprodução social, trazido à tona por diversas feministas marxistas e socialistas há mais de 30 anos, tem a intenção de oferecer uma análise sofisticada da relação entre o sistema capitalista e a opressão de gênero (ARRUZZA, 2017).

3. Masculinidade e a reprodução

Esse processo de análise que parte da reprodução social da vida, ou seja, da “renovação e manutenção da vida e das instituições” (ARRUZZA, 2017, p. 40), só é efetivamente apreendido a partir de sua totalidade complexa, histórica, repleta de contradições e mutável ao longo do tempo. É possível pensar, portanto, como essa totalidade, constituída de relações de dominação, exploração e subordinação, onde o trabalho reprodutivo é de forma geral uma “atividade da mulher”, se relaciona estritamente com uma masculinidade que é pautada sob a ótica de que os homens dominam e as mulheres são dominadas, a ótica de que o homem exerce o trabalho produtivo, gera o sustento da “família” e o trabalho reprodutivo deve ser exercido pelas mulheres, independente de essas também exercerem um trabalho de produção vendendo sua força de trabalho, tendo mais um jornada de trabalho quando retornam a suas casas, por exemplo.

É possível dizer, portanto, de maneira resumida que a reprodução social é dividida, na sociedade capitalista, entre família, Estado e serviços privatizados, e que nessas três esferas, “[...] o trabalho é realizado, majoritariamente, pela população feminina, negra, imigrante e LGBTI+” (SARAIVA, 2021, p. 25). E é a partir dessa divisão social, sexual e racial do trabalho que a presente análise sobre masculinidade se sustenta.

Lélia Gonzalez chama a atenção, entretanto, para uma observação de que esse trabalho já vem sendo desenvolvido pelas mulheres negras até mesmo antes da consolidação da sociedade capitalista, ou seja, desde o período do sistema de escravidão. Seja como trabalhadora do eito dava suporte para seus companheiros e filhos, seja como mucama onde mantia em todos os aspectos a casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar, amamentar crianças, etc (GONZALEZ, 2020).

Ou seja, ainda que a divisão sexual do trabalho possa ser identificada anteriormente a consolidação da sociabilidade capitalista, sob o tal sistema ela adquire configurações particulares e é pilar essencial para manutenção da sociedade a partir da unidade entre produção e reprodução social, sem a qual o presente sistema não consegue se manter, reproduzir e ampliar.

Num exemplo simples a partir, por exemplo, de no mínimo uma dupla jornada de trabalho onde a mulher precisa em uma dia passar, cozinhar, lavar e distribuir tarefas para que os filhos mais velhos cuidem dos mais novos, depois de fazer tudo isso ela se dirige “à casa da patroa” onde precisa ficar o resto de todo o dia realizando todos os tipos de trabalhos possíveis, isso sem contar quando precisa acordar de madrugada para cuidar de um filho doente, para procurar assistência médica, etc (GONZALES, 2020). É essa rotina diária de trabalho, de cuidado que é realizada pelas mulheres e sem a qual o capital não é capaz de se manter e reproduzir.

Todo esse trabalho que recai sobre as mulheres é essencial a manutenção da sociedade capitalista e, portanto, não pode deixar de existir. Daí a importância de se pensar o trabalho de reprodução social, a divisão social e racial do trabalho, e a constituição da masculinidade num processo de transição socialista, num processo de construção de uma sociedade alternativa que seja capaz de alterar essa realidade.

É essencial que seja dito também que a ausência de qualquer discussão, ou mesmo a insuficiência das discussões públicas a respeito da transformação das tarefas domésticas em algo socialmente possível nada mais é do que um exemplo dos poderes da ideologia burguesa que opera sobre essa sociedade (DAVIS, 2014). Não discutir sobre esse trabalho, não discutir sobre a transformação desse trabalho em algo de responsabilidade

pública, não alterar socialmente é essencial a manutenção da sociedade, e a ideologia burguesa tem papel essencial nesse processo.

Apontar para a necessidade do fim das tarefas domésticas enquanto responsabilidade individual e privada das mulheres, destacar a necessidade de socialização dessas tarefas, são mudanças que apontam passos na direção da construção de outra sociedade, mudanças que colocam em dúvida a validade do capitalismo e apontam na direção do socialismo (DAVIS, 2014). Apontam para a transição socialista as vistas de construção de outro tipo de sociabilidade, não mais pautado no sexismo, racismo, opressão e exploração.

A discussão aqui proposta de análise da masculinidade está diretamente relacionada, portanto, a discussão de gênero, onde é imprescindível relacionar uma perspectiva de gênero a história do capitalismo, muito além de somente uma “história das mulheres” (FEDERICI, 2017). Daí a necessidade de apreensão dessa masculinidade construída no/ pelo sistema capitalista, como aprendizado histórico desse processo contraditório e contínuo para uma nova masculinidade, associada a uma transição dessa sociedade para uma sociedade emancipada e substancialmente justa, uma sociedade socialista.

A construção da mulher e do homem, a constituição dessa masculinidade precisa se desvincular completamente da concepção na qual o homem é proprietário da casa e a mulher possui posição subalterna, onde é apenas “convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução” (ENGELS, 1977, p. 61). Isso demonstra que a mulher do sistema capitalista é destituída de sua humanidade, aquela dominada, a que obedece, a subjugada, a que precisa somente servir. Ao passo em que o homem é o dominador, o que manda, o que precisa ser servido.

Essas relações hierárquicas de dominação são históricas, Engels (1977) nos lembra que o início do antagonismo de classes é concomitante a um processo de antagonismo entre homem e mulher. Consequentemente, a primeira opressão entre classes coincide com a opressão do sexo masculino sobre o feminino (ENGELS, 1977). A masculinidade no sistema capitalista é construída com base nessa totalidade complexa e contraditória, uma totalidade que pode ser evidenciada a partir, por exemplo, do trabalho de reprodução social.

De início, entretanto, é preciso estabelecer alguns pontos de partidas essenciais para os presentes objetivos. Em primeiro lugar vale ressaltar que os estudos sobre masculinidade realizados até então se dão, tantos numa realidade brasileira quanto num

cenário global, devido aos estudos feministas que ao desenvolverem os estudos de gênero chegaram a análise da masculinidade (BRITO; PAULA, 2013). Assim, ainda que em desenvolvimento, a masculinidade nunca chegou a ocupar um lugar mais central nas ciências humanas em geral.

É essencial dizer que a masculinidade aqui não é entendida como algo natural ou imutável historicamente. Na sociabilidade capitalista a construção hegemônica, assentada na base de uma defesa constante da família monogâmica tradicional como alicerce de tal sociedade, o homem precisa ocupar um papel constante de chefe de família. Ocupar esse papel vai muito além de um simples “provedor financeiro”, alcança também os fatores referentes à comportamento, disciplina e uma moral cristã de toda a família, inclusive os filhos e filhas (BRITO; PAULA, 2013).

As religiões judaico-cristãs têm um papel muito importante na construção da masculinidade nessa forma social, visto que para tais a masculinidade, o homem como “chefe de família” é um fato inquestionável, o homem precisa representar a espécie, ser o macho, qual desvio desse comportamento e padrão, inclusive em termos sexuais é tido como um “pecado capital” (BRITO; PAULA, 2013).

A perspectiva analítica aqui proposta, por meio das lentes do marxismo, compreende que o trabalho nessa sociedade do capital possui características particulares que são centrais na conformação do que é a masculinidade. Sendo assim, é essencial pensar essa masculinidade a partir do contexto material ao qual ela está inserida. Contexto esse que passa, por exemplo, pelas relações sociais e instituições e como essas incidem sobre a masculinidade em diversas formas (BRITO; PAULA, 2013).

Assim como, ainda que a masculinidade em sua construção perpassa diferentes aspectos e caminhos da sociedade, inclusive adquirindo características culturais diversas, há sempre o elemento comum de que tal masculinidade visa sempre a manutenção de uma ordem social na qual os valores, normas e práticas sustentam a preservação da subordinação de outros gêneros a ela (BRITO; PAULA, 2013).

Ou seja, na compreensão do processo de reprodução do capital em sua totalidade a Teoria da Reprodução Social e a análise da masculinidade podem servir como importante aporte teórico e ferramenta analítica na medida em que buscam a análise do funcionamento da sociedade a partir do aspecto da reprodução social, no seu conjunto com o processo de produção.

4. Considerações finais

Por fim vale dizer que esse trabalho parte de uma observação e inquietação ao lançar luz sobre uma possibilidade de análise da masculinidade sob a perspectiva feminista marxista, ressaltando a importância e contribuição da TRS para tal discussão, assim como destacando o aspecto da necessidade de constituição de uma nova sociedade, novas relações, novas sociabilidades, o debate sobre a masculinidade deve estar presente, a fim de que seja feita uma análise unitária da sociedade, ou seja, que leve em consideração raça, classe e gênero, entre outros.

Pretendeu-se, assim, neste trabalho contribuir numa formulação inter-relacionada entre epistemologias feministas e marxistas e suas interseções – com ênfase na Teoria da Reprodução Social – e masculinidade, assim como no fortalecimento prático e teórico acerca da necessidade de construção de uma nova masculinidade.

É importante ressaltar, também, que a masculinidade em si é um produto de condições históricas, ela só se constitui, portanto, enquanto categoria, somente dentro dessas condições e dentro dos limites dessas condições (MARX, 2008). O materialismo histórico-dialético, nesse caso, deve ser apreendido e utilizado de maneira a inserir as discussões e formulações acerca da masculinidade dentro de condições materiais historicamente desenvolvidas e constituídas, buscando analisar suas contradições.

Portanto, de maneira sucinta, este trabalho buscou apresentar um caminho possível em uma análise da masculinidade tendo como base as formulações produzidas pela Teoria da Reprodução Social. A masculinidade, sob essa ótica, é fundamental na manutenção dessa forma social do capital, na manutenção do processo de reprodução do capital em sua totalidade.

5. Referências

ARUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, 2015.

ARRUZZA, Cinzia. **Funcionalista, determinista e reducionista**: o feminismo da reprodução social e seus críticos. Campinas: CEMARX, 2017.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. **Revista Outubro**, n. 32, 1º semestre de 2019.

BRITO, Gabriel Ferreira de; PAULA, Josías Vicente de. A masculinidade e a ideologia: a socialização masculina. **Opsis**, Catalão, v. 13, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ESQUENAZI, Arelys; MORAES, Livia. Epistemologias, práxis e desafios conjunturais nas relações entre feminismo(s) e marxismo. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (org.). **Os desafios do feminismo marxista na atualidade**. Chapecó: Coleção Marxismo21, 2020.

FEDERICI, Silvia. **Notas sobre gênero em *O Capital* de Marx**. Campinas: CEMARX, 2017.

FERGUSON, Susan. **Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa**. Campinas: CEMARX, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 374 p.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. 894 p.

SARAIVA, Clara. O que vemos a partir da lente da Teoria da Reprodução Social? **História e Luta de Classes**. Dossiê História e Gênero, v. 32, n. 17, p. 13-26, set. 2021.